

FOGO NAS PÁGINAS DOS JORNAIS: espaço urbano e incêndios na capital potiguar (1940-1950)



<https://doi.org/10.21680/1984-817X.2025v1n01ID38599>

Flademir Gonçalves Dantas⁴⁰

RESUMO:

O objetivo do presente trabalho é analisar os diferentes discursos sobre os incêndios que aflingiram a capital potiguar, provenientes dos jornais que circularam em Natal durante os anos de 1940 a 1950, em especial os periódicos: A República, A Ordem, Diário de Natal e Tribuna do Norte. A pesquisa foi desenvolvida a partir de dois grandes incêndios que provocaram grandes prejuízos sociais e econômicos. Para tanto, refletimos a cidade enquanto um espaço onde o capital se materializa na busca de sua produção e reprodução no espaço urbano (LEFEBVRE, 2001) e considerando a dimensão espacial no discurso historiográfico não só na sua dimensão “clássica”, de cenário, palco da história, ou como espaço natural, como natureza, mas como objeto sujeito à intervenção histórica e ação do homem (CERTEAU, 1994).

PALAVRAS-CHAVE: Incêndios, História do Rio Grande do Norte, Espaço Urbano.

FIRE ON THE PAGES OF NEWSPAPERS: urban space and fires in the capital of Rio Grande do Norte (1940-1950)

ABSTRACT:

The objective of this work is to analyze the different discourses about the fires that afflicted the capital of Rio Grande do Norte, coming from the newspapers that circulated in Natal during the years 1940 to 1950, especially the periodicals: A República, A Ordem, Diário de Natal and Tribuna from the North. The research was developed based on two large fires that caused great social and economic damage. To this end, we reflect on the city as a space where capital materializes in the search for its production and reproduction in urban space (LEFEBVRE, 2001) and considering the spatial dimension in historiographical discourse not only in its “classical” dimension, of scenery, stage of history, or as a natural space, as nature,

⁴⁰ Bacharel e Licenciado em História (UFRN); Mestre em História (UFRN) e Doutorando em História (UFRN). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5374598505434859>. E-mail: flademird@gmail.com.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

but as an object subject to historical intervention and human action (CERTEAU, 1994).

KEYWORDS: Fires, History of Rio Grande do Norte, Urban Space.

O jornal tem um papel importante na atual sociedade, seja ele publicado em seu meio mais tradicional, o papel, como nas mídias digitais, desempenhando uma atividade de grande alcance e relevância para sociedade, publicizando informações e conhecimento, noticiando ameaças e os indesejáveis incêndios que atormetaram a capital potiguar ao longo do século XX.

Nesse sentido, interessa-nos as discussões sobre o uso dos jornais enquanto fonte de pesquisa histórica, mas também como um “meio de comunicação voltado para a captação das massas ou de segmentos ao menos significativos da população”, possuindo de certa maneira, “a capacidade de abranger uma diversidade de assuntos de interesse público” (BARROS, 2019, p. 162), dentre esses assuntos, os inoportunos, mas presentes incêndios, desabamentos e desastres que o espaço urbano potiguar sofreu ao longo de sua trajetória histórica, em nosso caso, mas detidamente entre os anos de 1940 a 1970.

Desde o final do século XIX até a segunda metade do século XX, a cidade de Natal sofrera uma série de intervenções para a construção de uma urbe moderna, sejam pelas práticas discursivas institucionalizadas pelos Planos Urbanos⁴¹, fossem pelos apelos advindos dos jornais locais, das elites intelectuais e políticas, constituindo uma gama de saberes arquitetônicos, urbanísticos, geográficos, espaciais, legislativos.

A institucionalização de um Corpo de Bombeiros para proteger a cidade dos perigos do fogo também fez parte desse conjunto de ações que visavam

⁴¹Plano de Cidade Nova, efetuado por Antônio Polidreli, em 1901/1904; o Plano Geral de Sistematização de Natal, elaborado por Giacomo Palumbo, em 1929; e o Plano de Expansão de Natal, confeccionado pelo Escritório Saturnino de Brito, em 1935. (SILVA, 2011, p. 138)

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

produzir um espaço urbano moderno, delegando aos homens do fogo, por meio da legalidade, a difícil missão de salvar vidas e bens. A cidade estruturada pelos Planos Urbanos, curiosamente, não previam um serviço para extinção de incêndios. Ou seja, a cidade continuava a mercê da sua própria sorte, ainda que imaginada e planejada, bela e moderna, pelas elites intelectuais e políticas da capital potiguar.

Pensamos a cidade moderna a partir das proposições de David Harvey, para quem a realidade humana buscou formas de vivenciar a cidade numa relação entre os espaços naturais e o espaço urbano, numa constante tentativa de dominar e explorar a natureza, dentro de uma perspectiva racional e objetiva, visando acima de tudo, o acúmulo e a reprodução do capital (HARVEY, 1993).

Para o historiador Reinhart Koselleck, a ideia de modernidade está intimamente relacionada com a ideia de movimento, numa relação que emerge ainda no século XIX, momento que se buscava construir uma diferença entre o período de apogeu da industrialização na Europa e os períodos que antecederam, associados ao atraso econômico.

Essa urbanização ocorrida na segunda metade do século XX em Natal, pode ser observada por arquitetos, como no trabalho dissertativo desenvolvido por Alexandra Seabra de Melo:

De fato, os anos cinquenta viram, finalmente, a chegada em Natal da arquitetura moderna, nos projetos de linhas arrojadas, geométricas, com as fachadas desprovidas de ornamentos que caracterizam a estética e a tectônica racionalista, assinado por profissionais que se firmaram como formadores e representantes do estilo moderno potiguar: o Edifício Presidente Café Filho ou do IPASE, o Cine Nordeste, Sede do ABC Futebol Clube, Sede da ASSEN - Associação dos Subtenentes e Sargentos do Exército de Natal, antigo Terminal Rodoviário da Ribeira, Sede da AABB entre outros. (MELO, 2009, p. 47)

Essa arquitetura moderna é compreendida aqui como parte do espaço urbano, espaço esse entendido como condição, meio e produto das ações realizadas pela sociedade historicamente construídas, apresentando-se em constante

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

reestruturação e seguindo as imposições do modo capitalista de produção que passa por modificações, a fim de assegurar a reprodução do capital, exigindo uma especialização cada vez maior da cidade, ao passo que nem sempre, esse desenvolvimento era acompanhado pela expansão e melhoria do serviço de extinção de incêndios da capital potiguar.

Assim, a cidade é o espaço onde o capital se materializa na busca de sua produção e reprodução. Sem olvidar que também é o local privilegiado para o desenvolvimento do capitalismo, viabilizando uma intensa rapidez do seu ciclo, ou seja, do tempo necessário para a produção e o consumo de mercadorias. Desta forma, o capital transforma a cidade segundo suas necessidades, remanejando-a sempre que necessário e o mercado é o grande responsável por tais transformações, pois as relações socioespaciais sempre estiveram presentes na cidade, “afinal, ela muda quando muda a sociedade no seu conjunto” (LEFEBVRE, 2001, p. 46).

Da mesma forma, segundo Certeau (1994) as relações socioespaciais podem ser entendidas como práticas de espaço, que remetem a uma forma específica de operações, ou seja, maneiras de fazer. Tais práticas de espaço correspondem à mobilização de saberes (signos, significantes e significados), práticas (operações), experiências pessoais e coletivas mobilizadas, reordenadas a partir de cada agente e das circunstâncias em que a ação se desenrola. Dessa maneira, tanto a subjetividade individual quanto o peso da coletividade são colocados como relevantes quando se trata de agir em uma dada espacialidade a partir de um sistema social dado.

Tem-se assim a própria relação das práticas do espaço com a ordem construída. Em sua superfície, esta ordem se apresenta por toda parte furada e cavada por elipses, variações e fugas de sentido: é uma ordem coador". (CERTEAU, 1994, p.188) Dessa forma, espaço enquanto um lugar praticado, pode ser a rua, o aeroporto, uma praça ou uma escola que são transformadas em espaço

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

pelas pessoas: pedestres, viajantes, alunos que nele circulam e dão via àquele lugar, mas também um cinema em chamas, uma indústria ou fábrica tomado pelo fogo, ou até mesmo um mercado público, que abrigava um grande centro comercial, mas se vê dominado pelo poder das labaredas, transformando o espaço organizado, num total caos.

Nossa proposta nesse artigo é analisar os diferentes discursos sobre os incêndios que aflingiram a capital potiguar, provenientes dos jornais que circularam em Natal durante os anos de 1940 a 1970, em especial os periódicos: *A República*, *A Ordem*, *Diário de Natal* e *Tribuna do Norte*.

Assim, destacamos um incêndio ocorrido no dia 4 de agosto de 1946, que provocou uma verdadeira guinada no serviço de extinção de incêndios no Rio Grande do Norte e colocou definitivamente o Corpo de Bombeiros da Base Aérea de Parnamirim na História potiguar (DANTAS, 2023).

Era um domingo de inverno na capital potiguar, fazia sol, a cidade estava acordando, quando por volta das 6 horas, um pavoroso incêndio tomou conta de duas lojas situadas na Rua Frei Miguelinho, antiga 13 de Maio, continuação da Rua Dr. Barata, que concentrava boa parte do comércio do bairro da Ribeira.

A notícia do colérico incêndio rapidamente ganhou as ruas da cidade, pessoas acorriam de diversas partes para se deleitarem com as chamas e algumas outras para ajudarem como podiam. O fogo rapidamente consumiu as casas comerciais Filha de Natal e Casa Ceará, que ficaram completamente destruídas, tamanha foi à violência do incêndio, que as paredes das lojas ficaram fendidas em diversas partes.

As labaredas eram inclementes, com o decorrer das horas, autoridades locais chegavam ao local, entre as quais o Interventor Federal Ubaldo Bezerra, Dr. Manoel Varela, Chefe de Polícia, o major Joaquim Moura, Inspetor Chefe da

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Inspetoria de Polícia, Dr. Arnaldo Simoneti, Delegado da Ordem Social, todos empenhados na extinção do fogo que só foi completamente dominado por volta das 11 horas da manhã, com a chegada de quatro “possantes carros de bombeiros, vindos da Base Norte Americana de Parnamirim”. (A ORDEM, 5 ago. 1946, p. 1)

A reportagem do jornal A Ordem procurou o Chefe de Polícia, Manoel Varela para apurar as possíveis causas do que teria motivado o incêndio, que segundo a autoridade policial:

As casas comerciais Filha de Natal e Casa Ceará estavam instaladas em prédios antigos, cujas condições de segurança muito deixava a desejar, pois além da cobertura ser bastante velha, tinha como forro uma espécie de lona, concluindo daí que o incêndio teve causa inicial com um circuito, que se presume ter havido na instalação elétrica, que por sua vez era muito antiga e estragada. Tudo isso concorreu, ao que se diz, para propagar o incêndio, não se falando ainda na quantidade de mercadorias, pois ambos os estabelecimentos tinham grande estoque de produtos de fácil combustão. (A ORDEM, 5 ago. 1946, p. 1)

Após o incêndio ser devidamente controlado e isolado, foi instaurado o competente inquérito policial para apurar as causas do sinistro, sendo designados os peritos, Mario Bandeira e Wilson Miranda, engenheiros civis, para avaliar os prejuízos. No dia 10 de agosto, o Inquérito Policial estava findo, o laudo pericial elaborado pelos engenheiros concluiu que um curto-circuito nas instalações causou o incêndio. (A ORDEM, 10 ago. 1946, p. 1)

Dois pontos da longa matéria merecem especial atenção, o primeiro, a manchete estampada na primeira página no jornal A Ordem, onde constava que Natal teria um Corpo de Bombeiros, o segundo, as declarações do Chefe de Polícia sobre esse ponto. Questionado pela reportagem do jornal *A Ordem*, sobre a ausência de um Corpo de Bombeiros em Natal, o Chefe de Polícia, Manoel Varela, não titubeou, respondendo que o Governo do Estado já havia encomendado “dois modernos carros de bombeiros”:

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Como era natural, o povo indagava porque a nossa capital não possuía um corpo de bombeiros, tão necessário numa cidade como a de Natal, que dia a dia tem o seu progresso aumentado.

O nosso reporter fazendo idêntica pergunta ao dr. Manoel Varela, Chefe de Polícia, este nos informou que o nosso governo já encomendou dois modernos carros de bombeiros, que muito em breve aqui chegarão, formando-se então o Corpo de Bombeiros de Natal. (A ORDEM, 5 ago. 1946, p. 1)

Ainda que sem um Corpo de Bombeiros na capital do Estado, o incêndio quase que milagrosamente não se alastrou, graças à pronta ação das autoridades policiais e alguns populares, que não permitiram que as labaredas de fogo se propagassem para os prédios vizinhos, uma vez que as chamas poderiam ter consumido o quarteirão inteiro, onde se achavam instalados depósitos de redes, cigarros, alfaiatarias, bem como da oficina que editava o periódico O Diário, as lojas Brasileiras 4.400 (que quatro anos depois veio a ser consumida pelas chamas) entre outras edificações.

A capital potiguar não dispunha de um Corpo de Bombeiros desde a primeira metade da década de 1930, razão pela qual o Jornal *Diário de Notícias* cometeu um equívoco ao afirmar que o sinistro não teria assumido maiores proporções, “graças a ação dos bombeiros da cidade, que foram auxiliados pelos contingentes da Base Parnamirim”.

Ora, os vários incêndios apresentados na obra *A cidade em chamas: o serviço de extinção de incêndios em Natal/RN (1917-1955)* (2021), bem como a existência de incêndios durante os primeiros anos da década de 1940, sem a efetiva presença do Corpo de Bombeiros para sua extinção, revelam indubitavelmente que a cidade de Natal não possuía um Corpo de Bombeiros em funcionamento, tanto que em 1942, o presidente da Associação Comercial do Rio Grande do Norte, Manoel Gurgel do Amaral, havia enviado ao presidente da República, Getúlio Vargas, um telegrama solicitando a instalação em Natal de uma seção de Bombeiros para servir à cidade.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Da mesma forma, a reportagem do jornal *A Ordem*, que acompanhou por diversas horas o pavoroso incêndio, questionou ao Chefe de Polícia, Manoel Varela, quanto à ausência de um Corpo de Bombeiros em Natal, o qual informou que o governo havia encomendado dois modernos carros de bombeiros, que muito em breve chegariam para formar o Corpo de Bombeiros de Natal.

No final da década de 1940, o jornal *Diário de Natal* estampou em suas páginas uma matéria na coluna “Na Câmara Municipal” com o seguinte título: “Será estudada a possibilidade de criação de um Corpo de Bombeiros”.

Sob a presidência do vereador Severino Galvão, reuniu-se a Câmara Municipal para discutir entre outros assuntos em pauta, a criação de um Corpo de Bombeiros na capital potiguar. Como apontado na matéria, o assunto despertou grande interesse na discussão dos políticos ali presentes, sendo prontamente aprovada a indicação do vereador Antônio Felix, solicitando que o Governo Municipal entrasse em entendimento com o Governo Estadual, para juntos, estudarem a criação de um Corpo de Bombeiros ou até mesmo, uma Seção que funcionasse junto a Polícia Militar.

O vereador João Mota tomou a palavra dizendo que votava favoravelmente, acrescentando que, com isto, “não deixava de reconhecer os bons serviços prestados pelos bombeiros de Parnamirim”. (*Diário de Natal*, 20 abr. 1949, p. 6) O líder pessedista, Martinho Machado, disse que estranhava a falta de um Corpo de Bombeiros em Natal, reconhecendo a impossibilidade do Governo para realizar a referida despesa, por total falta de recursos. Numa fala de comunhão, pediu a cooperação de todos os vereadores para que a partir daquela data, “iniciassem campanhas pela imprensa e, se preciso fosse, levantando a massa [população] para assim conseguir organizar uma Secção de Bombeiros que tanto está a reclamar a nossa cidade”. (*Diário de Natal*, 20 abr. 1949, p. 6)

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Sandoval Vanderlei acrescentou que as despesas não seriam tão elevadas em vista da possibilidade de ser criada a Seção de Bombeiros na própria Polícia Militar, aproveitando-se dos militares daquela corporação, tal como acontece em outros Estados da federação. A Indicação foi aprovada por unanimidade.

A Ata da Primeira Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Natal, registrada no dia 18 de abril de 1949, ocorrida no primeiro andar do edifício da Casa Bancária, Rua Frei Miguelinho, bairro da Ribeira, onde estavam presentes os seguintes vereadores: Amaro Magalhães da Silva, Sandoval Wanderley, Martinho de Figueiredo Machado, Severino de Oliveira Galvão, Eliseu Leite, Manoel Rodrigues de Melo, Sebastião Gomes Moreira, Demétrio de Viveiros, Antônio Felix e João Francisco da Mota, sob a presidência do vereador Severino de Oliveira Galvão fez constar a indicação do vereador Antônio Felix da Silva: “solicitando os bons ofícios do sr. Prefeito, no sentido de ser criada em nossa Capital uma seção de extinção de incêndio, subordinada ao Departamento de Segurança Pública.” (ATA DA CÂMARA MUNICIPAL DO NATAL, 18 abr. 1949, s.p.)

Na Sessão do dia seguinte, 19 de abril de 1949, fora discutido a indicação do vereador Antônio Felix, que solicitava a criação de um serviço de extinção de incêndios na capital. Registramos o relatado na Ata:

Em discussão a indicação do vereador Antônio Felix, solicitando criação de um Grupo de Extinção de Fogo. O autor justifica. O vereador João Mota discute a matéria favoravelmente, de modo geral. Reconhece acertada a indicação e declara que está pronto a votar a favor, porém não como está redigida, prevendo apenas um arranjo, mas se for requerida a criação de um Corpo de Bombeiros. (ATA DA CÂMARA MUNICIPAL DO NATAL, 19 abr. 1949, s.p.)

Imperioso destacar a fala do vereador João Mota durante a Sessão, reconhecendo os inestimáveis serviços prestados pelo Corpo de Bombeiros da Base Aérea de Parnamirim ao povo natalense: “enquanto isso não acontecer [criação de um Corpo de Bombeiros em Natal], devemos dar graças a Deus pelos serviços que o Grupo de Extinção de Fogo de Parnamirim.” (ATA DA CÂMARA

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

MUNICIPAL DO NATAL, 19 abr. 1949, s.p.) Dando continuidade as discussões sobre a matéria, tomou uso da palavra o vereador Martinho Machado, afirmando que lhe causou estranheza, quando chegou em Natal, a ausência de um Corpo de Bombeiros na cidade, acrescentando que

Reconhece que é uma necessidade a medida pleiteada, que, entende, deva merecer apoio de vereadores, deputados, da imprensa, do rádio e do povo em geral. Afirma que a indicação merece o seu apoio, mas entende que o Estado não está em condições de efetivá-la. (ATA DA CÂMARA MUNICIPAL DO NATAL, 19 abr. 1949, s.p.) Segundo o edil, tal projeto deveria contar com o apoio incontestado de toda sociedade, incluindo os políticos municipais e estaduais, assim como de todo o povo. Em seguida, discursou o vereador Sandoval Wanderley, que também defendeu a indicação do vereador Antônio Felix, apresentando uma proposta de criação da Seção de Bombeiros na própria Força Pública do Estado. Ao final das discussões, a indicação para criação de Seção de Bombeiros é aprovada.

No terceiro dia de discussões, destaca-se a fala do vereador João Mota, que apresentou uma emenda na Ata do dia anterior, declarando que

O governo do Estado vem pagando as dívidas contraídas pelos seus antecessores (com uma única exceção) desde 1938, o que já está perto de liquidar. Por este motivo o Estado no momento atual não está em condições de criar um Corpo de Bombeiros. (ATA DA CÂMARA MUNICIPAL DO NATAL, 20 abr. 1949, s.p.)

Entretanto, essa iniciativa não logrou o êxito almejado, a capital ainda amargaria muitas tristezas, insegurança e medo diante dos perigos do fogo, e necessitando por mais alguns anos dos “bons serviços prestados pelos bombeiros de Parnamirim”.

Tão logo a década de 1950 se iniciou, um dos maiores incêndios registrados na história do Rio Grande do Norte foi amplamente noticiado pelos jornais locais. Ocorrido em fevereiro de 1950 nas *Lojas Brasileiras 4.400*, no bairro da Ribeira, então coração da capital potiguar. Os jornais cariocas, *Diário de Notícias* e

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

A Manhã, *Diário da Noite* de São Paulo, *Jornal do Commercio* do Amazonas, *Diário de Pernambuco*, e dois jornais locais, *Diário de Natal* e *A Ordem* estamparam em suas páginas as agruras desse impiedoso incêndio que certamente foi um dos maiores e mais pavorosos incêndios, tanto em prejuízos materiais como pela extensão e violência do fogo. O livro de autoria do coronel aviador, Fernando Hippólyto, *História da Base Aérea de Natal* também anotou o assombroso incêndio:

Um dos grandes incêndios registrou-se na noite de 7 de fevereiro de 1950 e apesar dos esforços dispendidos pelos bombeiros, as “Lojas Brasileiras”, no bairro da Ribeira, ficaram inteiramente destruídas. (COSTA, 1980, p. 186)

Quanto ao incêndio sucedido em fevereiro de 1950, o jornal *Diário de Natal* trouxe matéria no dia seguinte ao fatídico ocorrido, com o seguinte título: “Pavoroso incendio destruiu as Lojas Brasileiras” (DIÁRIO DE NATAL, 8 fev. 1950, p. 4). *A República* assim anunciou o desastre: “Ainda o pavoroso sinistro que destruiu ante-ontem, as Lojas Brasileiras” (A REPÚBLICA, 9 fev. 1950, p. 1). Já o periódico *A Ordem*, realçou o espanto da sociedade potiguar diante dos trágicos acontecimentos trazidos a baila pelo incêndio: “Em polvorosa a população natalense: violento incendio destruiu as Lojas Brasileiras”. (A ORDEM, 8 fev. 1950, p. 4)

O esforço era sem precedentes, várias equipes do Exército, Marinha, Polícia Militar, Polícia Civil, em especial do rebocador Tritão que estava ancorado no Cais do Porto, nas proximidades da Avenida Tavares de Lira e muitos populares atuaram sem cessar para controlar o incêndio, infelizmente, não puderam salvar o edifício, dada a violência do fogo.

Em relação à atuação dos Bombeiros de Parnamirim, o jornal *A Ordem* assim pontuou:

Logo que tiveram conhecimento da catástrofe que se acabava de iniciar, os soldados do fogo, soldados do Exército, Polícia Militar e Marinha entraram em ação, num esforço tremendo para debelar as chamas que

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

assumiam proporções gigantescas de uma vez que se alastravam por todas as dependências da antiga “4.400” (A ORDEM, 8 fev. 1950, p. 4)

Enquanto o *Diário de Natal* destacou:

De Parnamirim vieram cinco carros de bombeiros com uma carga de 22 mil litros d’água, logo consumidos. Foram as referidas viaturas reabastecidas no Arsenal da Marinha, no Alecrim, fornecendo ainda os hidrantes da Repartição do Saneamento de Natal cerca de 900 metros cúbicos d’água. (DIÁRIO DE NATAL, 8 fev. 1950, p. 4)

As chamas podiam ser vistas de quase todas as partes da cidade, um amontoado de curiosos acorrera ao local por meio de carros, ônibus ou mesmo a pé, para acompanhar as cenas dantescas do enorme fogo que ardia impiedosamente sobre os escombros.

Mesmo com a ajuda inestimável do rebocador Tritão, da Marinha de Guerra, que se achava ancorado no cais da Tavares de Lira e dos marujos de sua tripulação, sob o comando do Capitão Carlos Bezerra, auxiliando os bombeiros de Parnamirim, jogando enormes jatos d’água através de suas poderosas mangueiras, o fogo teimava em resistir aos esforços empreendidos, sendo controlado apenas às 21h10, resultando na destruição de tudo que estava dentro das *Lojas Brasileiras*, resumindo-se a um monte de ruínas e cinzas. Duas horas após o início do fogo, por volta das 21h30, “graças á ação dos bombeiros, ajudados pelo rebocador ‘Tritão’, as chamas diminuía de intensidade, pondo, por conseguinte, fim no perigo.” (A ORDEM, 8 fev. 1950, p. 4)

Pela sua brilhante atuação, a tripulação do rebocador Tritão, mereceu elogio por parte da Câmara dos Vereadores, em especial, do vereador Martinho Machado, que teceu comentários sobre a ação da embarcação contra o pavoroso incêndio que devorou as *Lojas Brasileiras*, solicitando que constasse em Ata um voto de reconhecimento da Câmara àqueles marujos, e que fosse expedido Ofício ao Comandante daquele barco e ao senhor Ministro da Marinha, para que o fato

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

entrasse nos anais da nossa Marinha de Guerra. (ATA DA CÂMARA MUNICIPAL DO NATAL, 10 fev. 1950, p. 86-87)

O governador do Estado, Dr. José Augusto Varela, rendeu os merecidos elogios aos bombeiros da Base Aérea envolvidos na grande batalha das Lojas Brasileiras, conforme registrado pelo coronel aviador Fernando Hippólyto:

Em ofício datado de 11 do mesmo mês [fevereiro], o Governador do Estado, Dr. José Augusto Varela, consignou um elogio “pelo esforço, dedicação e desprendimento com que se houveram na extinção do incêndios” aos funcionários da Base lotados na Seção Contra-Incêndio: Antônio Francisco de Oliveira, José Alves da Silva, Sebastião Martins Trindade, Luiz Dantas de Medeiros, Moisés José da Silva, Osmar Felix Bezerra, Manoel Maximiano Messias, Jose Fernandes II, Manoel Cassiano Sobrino e Luiz Rodrigues Machado. (COSTA, 1980, p. 186)

O jornal *A República* em matéria tratando do grande sinistro que abalou toda a população da cidade, e que destruiu totalmente a filial das *Lojas Brasileiras* 4.400, ainda acrescentaria outros nomes dignos de serem elogiados, como os capitães João Marinho de Carvalho e José Ferreira Marinho:

Desta vez nos ocuparemos em dar maiores detalhes da catástrofe e em inserir uma palavra especial de elogio ao cap. João Marinho de Carvalho, cap. José Ferreira Marinho e algumas outras autoridades policiais que lá compareceram sem demora e envidaram todos os esforços na debelação das chamas, para não falar no comando e tripulação do Tritão, ainda assim aos superiores e subalternos das diversas corporações com sede nesta capital. (A REPÚBLICA, 9 fev. 1950, p. 1)

Inesperadamente, nesse ponto da matéria trazida a lume pela *A República* não há sequer uma referência ao Corpo de Bombeiros de Parnamirim, o que nos causa certa estranheza, posto que os jornais *A Ordem* e *Diário de Natal* fazem menção destacada da atuação dos Soldados do Fogo daquela Base Aérea. Por fim, olvidando-se do Corpo de Bombeiros de Parnamirim, agradeceu as instituições que atuaram no combate ao incêndio, destacando

A ação da polícia a cuja frente estava o cel. Aluizio Moura, do Exército, Marinha, Aeronáutica, Guarda Civil e Inspetoria de Trânsito, que lutaram heroicamente contra as chamas, tendo se referido também sobre a proveitosa colaboração do capitão tenente Carlos Bezerra, que

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

esteve dirigindo o serviço de mangueiras do rebocador Tritão e dos populares que se empenharam com o mais vivo interesse, auxiliando os trabalhos realizados. (A REPÚBLICA, 9 fev. 1950, p. 1)

Apesar de todo esforço, o prédio ficou completamente aos escombros devido à violência do fogo, tendo um prejuízo estimado em mais de quatro milhões de cruzeiros entre mercadorias e estrutura física da loja. Em razão do incêndio, as paredes da Loja ficaram completamente rachadas, provocando inclusive receio dos transeuntes, que evitavam passar ao lado das ruínas.

Na mesma edição do *Diário de Natal* que noticiou a tragédia nas *Lojas Brasileiras*, mais um grito de socorro para a urgente e premente necessidade de criação de um Corpo de Bombeiros em Natal. Um artigo sob o sugestivo título “Lição e advertência”, alertava:

O incendio de ontem veio demonstrar, mais uma vez a nossa deficiência alarmante, como cidade que se préza, de um serviço de bombeiros. Quase cem mil habitantes povôam a nossa urbe, verifica-se, em linha sem solução de continuidade, tentacular crescimento da superfície citadina o desenvolvimento de nosso parque comercial e industrial é um fato positivo - e eis que, para uma emergencia catastrófica como a de ontem á noite, ficamos a depender da bôa vontade e da cooperação dos bombeiros da Aeronautica, sediados em Parnamirim. (DIARIO DE NATAL, 8 fev. 1950, p. 2)

Não foi a primeira vez que o *Diário de Natal* publicava notas apontando para necessidade de estruturação de um Corpo de Bombeiros na capital, como já revelamos anteriormente, artigos veiculados em junho de 1948, sob o título *Fogos e Foguetes* e em outubro de 1949, na coluna *A Cidade*, já alertavam para o infeliz fato de que a cidade não dispunha de um Corpo de Bombeiros.

O artigo *Lição e Advertencia*, de fevereiro de 1950, denunciava mais uma vez que o crescimento comercial, industrial e habitacional da cidade, agora com “quase cem mil habitantes”, não obstante o censo do IBGE ter apontado mais de 106 mil pessoas, não era acompanhado com os serviços de prevenção, segurança e combate a incêndios, tão necessários para o seu próprio desenvolvimento enquanto cidade que buscava se modernizar.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Estávamos reféns do distante Corpo de Bombeiros de Parnamirim, ainda que os bravos soldados do fogo da Base Aérea agissem:

Com interesse devotamento, dando sempre aqueles homens do fogo o melhor dos seus esforços para atender-nos nas situações difíceis em que nos temos encontrado. Mas a realidade é que Parnamirim não fica tão perto assim, principalmente em face de acontecimentos imprevistos da natureza de um incêndio. Por maior presteza com que se aja na base, para vir socorrer-nos numa contingência como a de ontem, teremos sempre uma sensível margem de atraso - o que significa que, durante esse atraso, o fogo, lavrando impunemente, ganhará terreno. (DIÁRIO DE NATAL, 8 fev. 1950, p. 2)

Como em outras ocasiões de grandes incêndios, o artigo revela como a sorte e o devotamente abnegado dos agentes da segurança pública em comunhão com a ajuda de alguns populares, foram imprescindíveis para que o pior não acontecesse:

Por pouco, ontem a coisa não assumiu proporções verdadeiramente apocalíticas. Assim, por exemplo, se houvesse atingido as dependências de firmas vizinhas, que negociam com material altamente inflamável. Essa perspectiva, aliás, trouxe a cidade presa de intenso nervosismo, durante horas. (DIÁRIO DE NATAL, 8 fev. 1950, p. 2)

Arremata o artigo evidenciando o quão urgente se revelava a instalação de um Corpo de Bombeiros em Natal, pois

É de toda conveniência, portanto, que se estude a organização de um serviço de bombeiros. Cada dia que passa, essa necessidade se faz mais premente. E o poder público, a quem compete essa iniciativa, tem que movimentar-se, para fazer alguma coisa. (DIÁRIO DE NATAL, 8 fev. 1950, p. 2)

A notícia do incêndio varreu o país, vários jornais do Rio de Janeiro, como por exemplo, o *A Manhã* e o *Diário de Notícias*, o paulista *Diário da Noite*, o amazonense *Jornal do Commercio* e o *Diário de Pernambuco* destacaram em suas páginas a tragédia nas *Lojas Brasileiras*. As matérias evidenciavam os vultosos prejuízos, que chegavam a ultrapassar a cifra de dois milhões de cruzeiros, (*Diário da Noite* (SP) 8 fev. 1950, p. 5) apontando que o dito incêndio fora um dos maiores registrados no Estado (*A Manhã* (RJ) 9 fev. 1950. p.5) e a participação decisiva do Corpo de

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Bombeiros de Parnamirim (Diário da Noite. SP. 8 fev. 1950, p. 5; Jornal do Commercio - AM, 9 fev. 1950, p. 1; Diário de Pernambuco, 9 fev. 1950, p. 2).

O jornalista Aderbal de França esteve presente no local do incêndio, publicara dois dias após o sinistro, em sua coluna *Cronica Social*, sua impressão acerca do ocorrido, destacando o quanto esse assunto tomou as ruas da cidade e a participação decisiva dos homens do fogo:

O fogo destruiu as Lojas Brasileiras. Foi esse o estribilho das conversas ontem, fora da orbita política. A avenida Tavares de Lira tornara-se de repente centro de um dos mais sensacionais incêndios da cidade. A curiosidade publica num instante avolumou-se em torno da tragedia.

O campo era o do trabalho rude e heroico de salvar o resto de rua, proteger a vizinhança, evitar o alastramento.

Magnífico esforço de bombeiros, de mangueiras em punho, forçando portas, na luta feroz de dominar o monstro que ninguém sabe como se gerou no silencio da casa fechada para o descanso da noite. (DIÁRIO DE NATAL, 9 fev. 1950, p. 3)

O incêndio ainda estaria presente nas páginas dos jornais locais por algum tempo, dada à magnitude da tragédia. No dia 10 de fevereiro de 1950, o *Diário de Natal* revelara os desdobramentos decorrentes do sinistro, com a realização do exame pericial pelos engenheiros Gentil Ferreira de Souza e Carlos Kock de Carvalho, acompanhados pelo capitão João Marinho de Carvalho, delegado do 2º Distrito e do Aspirante a oficial Alberto Manso Maciel, respectivamente, presidente e escrivão nomeados para apurar as causas do incêndio, por meio do Inquérito sob responsabilidade de Aderson Lisboa, delegado de Ordem Política e Social, e da Imprensa.

Ao final do mês de março de 1950, os peritos, Gentil Ferreira de Souza e Carlos Kock de Carvalho chegaram à conclusão de que o incêndio provavelmente foi iniciado por “uma ponta de cigarro deixada acesa no salão que dá acesso á rua Frei Miguelinho.” (DIÁRIO DE NATAL, 30 mar. 1950, p. 6) O laudo pericial que fora encaminhado juntamente com o Inquérito Policial ao juiz João de Brito

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Dantas, ainda ressaltou que não houve qualquer intenção dolosa dos responsáveis pelas *Lojas Brasileiras*.

Deixando um saldo negativo de destruição e prejuízos, o incêndio nas Lojas Brasileiras deslindou para o Estado a premente necessidade de um Corpo de Bombeiros na capital.

REFERÊNCIAS

Fontes

Jornais: A República; Tribuna do Norte; Diário de Natal e O Poti.

Bibliografia

BARROS, José D'Assunção. *Fontes Históricas – uma introdução aos seus usos historiográficos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DANTAS, Flademir Gonçalves. *A cidade em chamas: o serviço de extinção de incêndios em Natal/RN (1917-1955)*. Natal: RN Editora, 2021.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1993.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 268-270.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MELO, Veríssimo de. *Centenário da Associação Comercial do Rio Grande do Norte: 1892 – 1992*. Natal: Clima, 1992.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

SILVA, Wesley Garcia Ribeiro. *Nas páginas dos jornais: representações sobre desviantes na cidade do Natal (1958-1965)*. In. Revista Sertões, Mossoró-RN, v. 1, n. 2, p. 11-32, jul./dez. 2011.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade